

'A crise da Venezuela se tornou nossa'

Como o sistema de saúde entra em colapso, a doença está transbordando as fronteiras da Venezuela.

Bernardino Albuquerque, 69, especialista em doenças infecciosas e presidente da Fundação de Vigilância Sanitária do Estado do Amazonas, debate estratégias para combater os últimos casos de sarampo no estado brasileiro.

Por **Anthony Faiola**, **Marina Lopes** e **Rachelle Krygier**

Fotos de **Gui Christ**

31 DE OUTUBRO DE 2018



MANAUS, Brasil
médico encarregado de combater
doenças infecciosas em grande

O estado do Amazonas do Brasil - - uma manhã cheia de vapor de fevereiro de Bernardino Albuquerque n recebeu a mensagem de texto que ele tinha temido por semanas.

Nós temos dois pacientes com sintomas.

Esse alerta de médicos brasileiros perto da fronteira venezuelana marcou o início de uma [epidemia de sarampo importada](#) que ainda está devastando a Amazônia brasileira. Foi a primeira vez em quase duas décadas que o vírus altamente contagioso apareceu nesta região tropical, lar de um número crescente de migrantes venezuelanos. A doença também se espalhou para a Argentina, Colômbia, Equador e Peru.



A [crise econômica e social na Venezuela](#) está cada vez mais transbordando suas fronteiras, com a doença se tornando o mais novo símbolo do desastre. O sistema de saúde venezuelano praticamente desmoronou,

permitindo que doenças outrora erradicadas, como o sarampo e a difteria, reaparecessem em uma população que enfrentava escassez aguda de alimentos e remédios. Agora, um fluxo histórico de migrantes está ajudando a espalhar infecções para outros países.


“A crise da Venezuela se tornou nossa”, disse o prefeito de Manaus, Arthur Virgílio Neto.

O paciente brasileiro com sarampo zero era uma criança venezuelana de 1 ano de idade trazida para a fronteira em fevereiro. Oito meses mais tarde, mais de 10.000 pacientes contraíram suspeitas de infecção apenas no estado do Amazonas, pois o vírus pulou em uma população local que não estava suficientemente vacinada. Novos casos estão crescendo a uma taxa de 170 por semana.

Visto como uma doença infantil administrável nos Estados Unidos, o sarampo afetou negativamente as favelas lotadas e aldeias remotas da densa floresta

amazônica. O estado do Amazonas declarou uma emergência de saúde em julho, e centenas de pessoas foram hospitalizadas com complicações, incluindo pneumonia. Até agora, dois adultos e quatro crianças morreram.

“Não tivemos um único caso de sarampo em 18 anos; a maioria de nossos médicos só sabia de livros de texto”, disse Albuquerque, lembrando o início do surto de sarampo. “Nós estávamos preparados para problemas de rotina. Mas isso foi extraordinário”.

 Amaba Waimiri, 48 anos, de Novo Airão, na região metropolitana de Manaus, visita sua filha Wakixi, 15, que tem sarampo, em uma unidade de isolamento do Hospital Delphina Rinaldi Abdel Aziz.

Países fronteiriços oprimidos

A Venezuela, uma nação rica em petróleo de cerca de 31 milhões de habitantes, está no meio de um colapso social - o resultado de uma depressão de cinco anos provocada pela queda dos preços do petróleo, por políticas

socialistas fracassadas, má administração do governo e corrupção. Agências de ajuda humanitária projetam que cerca de 2 milhões de venezuelanos abandonarão sua nação neste ano, além de 1,8 milhão de pessoas que saíram nos últimos dois anos. Eles estão deixando um país onde a comida é escassa e o sistema de saúde pública está enfraquecendo, com pouco dinheiro para drogas, campanhas de divulgação, vigilância epidemiológica ou inseticidas.

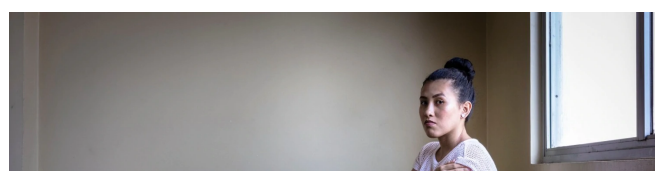
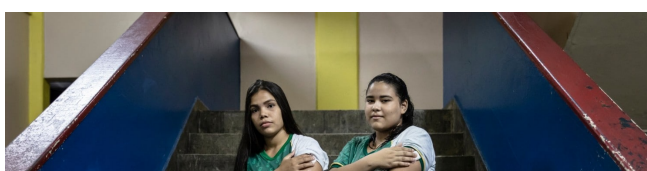
Décadas atrás, a Venezuela foi elogiada como [pioneira global no combate à malária](#), erradicando a doença de vastas regiões do país. Mas os casos de malária triplicaram em três anos, para 406.289 em 2017. Autoridades brasileiras citam que o aumento, e o aumento nos fluxos de migrantes, para um aumento de 50 por cento na malária no estado do Amazonas no ano passado, para 72.000 casos. As autoridades sanitárias peruanas relataram um novo surto em uma região de trânsito para migrantes, onde nenhum caso de malária foi registrado desde 2012.

"Estamos enfrentando uma epidemia de malária em lugares que não a tinham mais, que estavam limpos", disse Albuquerque. "Eles não têm feito um controle efetivo da malária na Venezuela, especialmente nos últimos anos".

Na Colômbia, pelo menos oito casos de difteria - uma infecção bacteriana que pode bloquear as vias aéreas e causar a morte - foram confirmados em 2018, os primeiros casos desde 2005. Todos os oito foram registrados em regiões fronteiriças com um grande fluxo de migrantes da Venezuela, onde Um [surto de difteria](#) tem ocorrido desde 2016, de acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), órgão da ONU.

Hospitais em países que fazem fronteira com a Venezuela, particularmente a Colômbia e o Brasil, já estão sobrecarregados por um surto de venezuelanos doentes, em busca de tratamento para doenças graves, desde o câncer até o HIV, que sua nação natal é cada vez mais incapaz de tratar.

A OPAS informou em um comunicado que o sistema de saúde da Venezuela - incluindo programas de prevenção de doenças - vem se deteriorando continuamente devido a problemas econômicos e políticos. “Isso levou a um aumento no número de surtos de doenças infecciosas, particularmente de sarampo, difteria e malária. A situação está sendo agravada pelos movimentos populacionais tanto dentro do país quanto para os países vizinhos”, afirmou.





TOP: Patients wait to get vaccinated at José Rayol Dos Santos public health clinic in downtown Manaus, Brazil, where about 50 patients are vaccinated each day. BOTTOM LEFT: Students Sabrina Coelho, 18, and Edilene de Andrade, 16, got the measles vaccine for the first time at Josué Claudinho de Sousa state school. BOTTOM RIGHT: Larissa Henrique, 22, also a student, received a triple vaccine for measles, mumps and rubella at the health clinic in Manaus.

Too little, too late

No illness has spread more rapidly from Venezuela than measles. Viruses containing the same genetic markers as in the outbreak in Venezuela have spread across the continent, from neighboring Colombia to distant Argentina. Outside of Venezuela, the vast majority of the patients are in Latin America's largest nation: Brazil.

Venezuela's health ministry did not respond to repeated requests for comment. PAHO records, however, show hundreds of suspected measles cases were reported there in 2016. The government launched a targeted vaccination campaign in the most affected area — the illegal mining

zones in Bolivar state — after cases were recorded there in mid-2017.

But vaccination programs had been slipping nationwide for years, according to Venezuelan doctors — providing a recipe for disaster even as the government was slow to respond to new outbreaks.

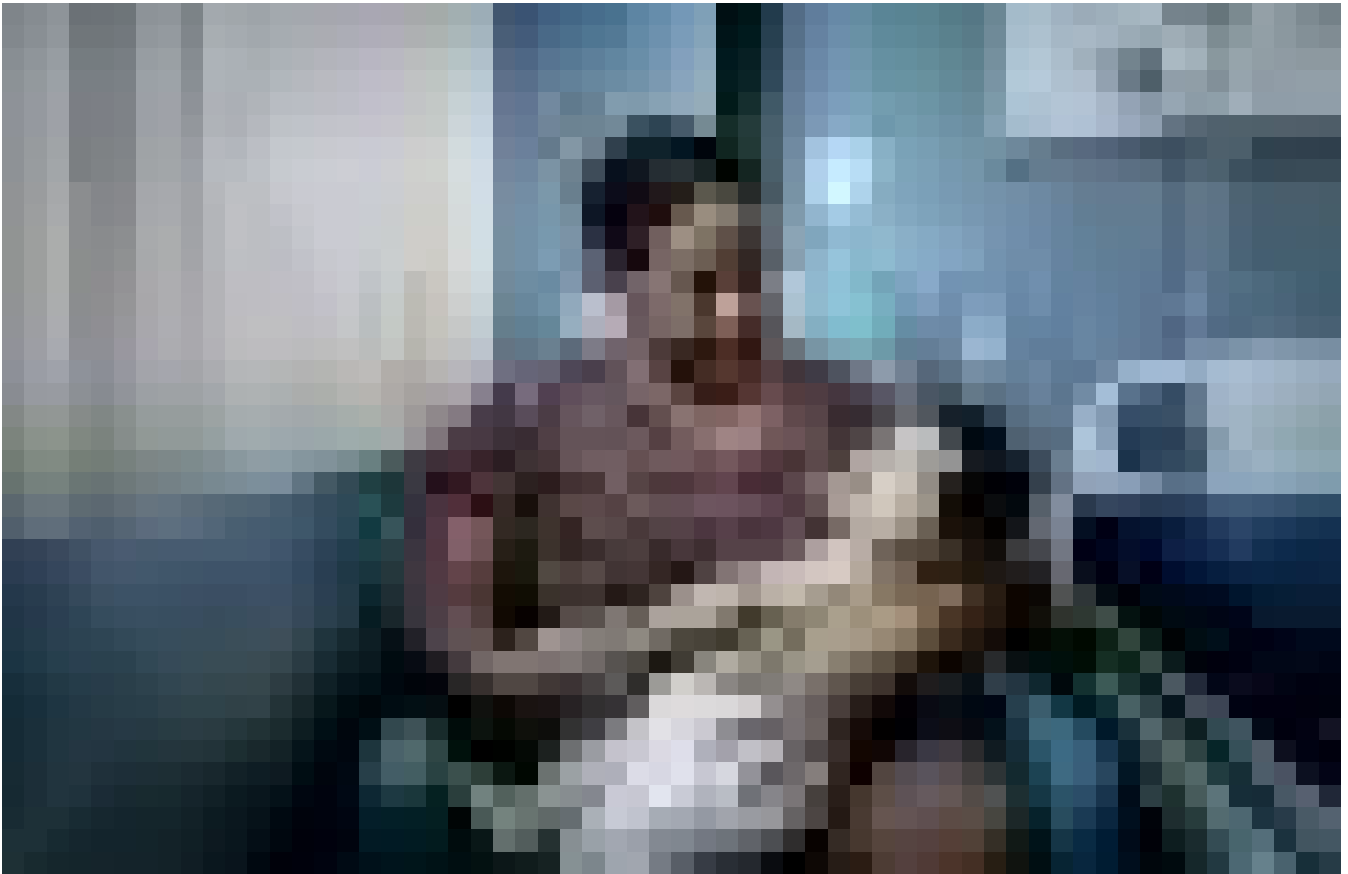
Two Venezuelan physicians familiar with the country's vaccination program said [failing infrastructure](#) has contributed to the problem. At Caracas University Hospital — one of the capital's largest — there are holes in doors in the infectious disease ward where measles patients are kept, compromising containment efforts, according to doctors. Refrigerators are often broken in Caracas clinics, making storage of vaccines challenging. Also, cars used to deliver vaccines are frequently out of service because of a lack of spare parts, according to the doctors, who spoke on the condition of anonymity out of fear of government reprisals.

The Venezuelan government, with the aid of the PAHO, launched a more comprehensive, nationwide measles vaccination program this year. But the damage, doctors say, had already been done.

“When a virus enters a country, what you do is protect the population, and the government simply didn’t,” said Julio Castro, professor at Caracas University Hospital’s Tropical Medicine Institute. “Once the virus was here, they did nothing to truly stop it from spreading. Knowing that so many of our kids weren’t vaccinated, they should have raised a national alarm. They didn’t.”

International agencies — including the PAHO and the U.S. Agency for International Development, the U.S. government’s overseas development organization — have launched emergency health programs in Venezuela’s neighboring countries to contain the outbreaks, including ramped-up vaccination and detection operations in Colombia and Peru.

But nowhere has the response
been more massive than in Brazil.



Theo Silva, 4 months old, and his mother Talia Miranda, 21, are in isolation at Delphina Rinaldi Abdel Aziz hospital because they have measles.

‘I wasn’t vaccinated’

The road to Venezuela passes by Northside Emergency Hospital in Manaus, a sprawling city of 2.1 million that boomed under 19th-century rubber barons.

Here, 600 miles from the Venezuelan border, the hospital’s littlest patients are struggling for breath in an infectious disease ward that was converted months

ago into a measles isolation wing. In one room, Talia Miranda, 21, stroked the hand of her 4-month-old son, Theo.

When he had come in nine days earlier, his measles-related pneumonia had been so bad he needed to be incubated. He was still not out of danger — but doing better than an infected infant in the room next door who doctors said might not pull through.

Authorities have strung up measles advisory posters around town, and the outbreak is constantly in the news. Miranda had been counting the days until her son was 6 months old — the date when doctors said it would be safe to vaccinate him. But then she caught measles herself and passed it on to him.

“I don’t blame the Venezuelans; they’re just looking for a safe place,” she said, fighting back tears. “I blame myself. I wasn’t vaccinated. He got it from me.”



LEFT: From left, Lucimei Martins, 57; Nataly Queiroz, 20; and Alessandra da Silva, 43, of the Health Surveillance Foundation, prepare vaccine doses. RIGHT: Every week about 100 new suspected blood

Indeed, the spread of illnesses like measles has underscored the dangerous weakness of the [vaccination programs in countries like Brazil](#). When measles swept in from Venezuela, almost one-third of Amazonas state's 4 million inhabitants were unvaccinated.

Officials have scrambled to respond. The government set up a situation room in Manaus, with dozens of maps on the wall, and tracked the disease as it invaded the city. Doctors unfamiliar with measles underwent urgent training. Health authorities went to universities and medical schools, recruiting more than 1,000 trainees who were taught how to give vaccinations. A door-to-door operation began — from moss-covered colonial buildings and teeming slums to jungle settlements reachable only by days-long trips in canoes.

No entanto, a mobilização não conseguiu evitar um grande surto - no final do verão, a equipe médica estava recebendo 900 vítimas suspeitas de sarampo por

semana. Sobrecarregados, os profissionais de saúde mudaram de enviar pacientes para alas de isolamento hospitalar para recomendar a contenção doméstica para todos, exceto os piores casos. Pontos de vacinação de emergência foram estabelecidos em escolas e igrejas.

Após a entrega de 1 milhão de vacinas, o número de novos casos suspeitos está caindo - para 170 por semana.

Poucos em Manaus estão zangados com os imigrantes venezuelanos, que geralmente têm recebido simpatia aqui. Os moradores, no entanto, estão culpando o governo venezuelano.

"A epidemia é o resultado de um governo despótico e incompetente na Venezuela", disse Virgílio, o prefeito de Manaus. "Sua falta de atenção aos cuidados de saúde nacionais criou essas conseqüências negativas e temos que pagar o preço".

Krygier relatou de Caracas.

Consulte Mais informação

"Eu não posso voltar": os venezuelanos estão fugindo de seu país devastado pela crise em massa

Um êxodo histórico está deixando a Venezuela sem professores, médicos e eletricitas

Advogados como profissionais do sexo. Ex-burocratas como empregadas domésticas. Como os venezuelanos se tornaram a nova subclasse da América Latina.

Milhões de venezuelanos estão fugindo para as cidades da América Latina. A região nunca pode ser a mesma.

Créditos: por **Anthony Faiola** , **Marina Lopes** e Rachelle Krygier. Fotos de Gui Christ. Projetado por **Joanne Lee** . Edição de fotos por **Chloe Coleman** .